



SALA
DO TECTO
PINTADO

SOBRE O TRILHO DA COR

Para uma rota dos pigmentos



mnaa
Museu Nacional de Arte Antiga



SOBRE O TRILHO DA COR

Para uma rota dos pigmentos

23 Setembro – 28 Novembro 2010

M|C
MINISTÉRIO DA CULTURA

imc
INSTITUTO
DOS MUSEUS
E DA CONSERVAÇÃO

mnaa
Museu Nacional de Arte Antiga

- 4 A “SALA DO TECTO PINTADO”
António Filipe Pimentel

Exposição **Sobre o trilho da cor. Para uma rota dos pigmentos**

- 12 INTRODUÇÃO
Teresa Pacheco Pereira
- 18 A COR
Jessica Hallett e Micaela Sousa
- 35 SOBRE O TRILHO DA COR
- 50 PARA UMA ROTA DOS PIGMENTOS
- 61 BIBLIOGRAFIA

A “SALA DO TECTO PINTADO”

AO VISITANTE do Museu Nacional de Arte Antiga que, no coração do actual edifício, busca os traços do antigo Palácio Alvor e da história e vivências que abrigou, quase nada (ultrapassada a fachada com seus portais fidalgos e vencido o átrio *das Janelas Verdes* e a escadaria de aparato encimada pelas armas dos Carvalhos, que dele rapidamente se apossaram) lhe devolve a visão e o ambiente do que foi a morada edificada por D. Francisco de Távora no período de apogeu seiscentista da ilustre Casa caída abruptamente no terramoto pombalino — e habitada, no decurso do tempo, por personagens com a aura do cônsul holandês Gildemeester ou de D. Amélia de Beauharnais-Leuchtenberg, Imperatriz no Novo Mundo e viúva do *Libertador*.

Um par de tectos de fino e discreto ornamento estucado, nas dependências destinadas à exposição da prataria francesa de serviço da Coroa, em ambientes já modelados pela museologia, é, pode dizer-se, quase tudo o que ao observador se oferece, num

edifício em perpétua e congénita luta contra o espaço, pressionado pelo imperativo de fazer fruir as suas colecções — enquanto, pelo caminho, um contínuo recentramento se impõe a pretexto da *Sala Patiño*, esplendor alheio aí encenado por generosa doação. Quase. Na verdade, ao termo do que é hoje a ala destinada à pintura europeia, dignamente reinstalada em anos recentes, avulta ainda e atrai inelutavelmente o olhar, em dependência de modestas dimensões, a estrutura remanescente de um tecto ornamentado em linguagem barroca, no gosto que Bacherelli divulgou: *a Sala do Tecto Pintado*, como o jargão da Casa a fixou, isolando-a (e valorizando-a) na singularidade por este modo nomeada.

Assim postada, pois, no topo de um percurso a que se procurou outorgar unidade e qualidades de circulação, a sua própria autonomia morfológica, reforçada pelo que pode designar-se de uma autonomia em planta — impondo *un cul de sac* ao circuito museográfico — a confinaria fatalmente a uma vocação

autónoma em relação a um nexu expositivo global que, sobre o quadro indócil de um edifício organicamente complexo e sucessivamente acrescentado, no próprio contexto das suas vicissitudes historicamente se buscou alcançar. Vocacioná-la, pois, para a exposição de pequenas colecções dotadas de coerência e autonomia, configurou-se como a solução adequada à utilização desse espaço, em fim de contas dotado de personalidade própria.

Porém, um museu não é somente a cenografia expositiva da narrativa construída sobre o seu acervo: menos, seguramente, o MNAA. Mas o *locus* que, nos bastidores da *cena*, inventaria, preserva e, sobretudo estuda e reflecte — por intermédio dos seus técnicos e do saber (e saber-fazer) aí acumulado ou que nele converge —, a partir do espólio que lhe está confiado e continuamente busca enriquecer e acrescentar: justamente com reflexão e estudo. Muito importa pois, que, nesse espaço de

visibilidade(s), se faça igualmente fruir esse labor por parte dos que, com o museu, demandam igualmente uma demonstração da sua missão. A *Sala do Tecto Pintado* afigurou-se, assim (pela sua própria singularidade), como o local adequado a uma demonstração pedagógica desse *múnus* central, de resto com fortes possibilidades de atractividade e sedução por parte de públicos crescentemente curiosos das especificidades desse labor e no quadro de uma atitude demonstrativa do papel angular que aos museus incumbe na cultura do património que parece de inquestionável oportunidade estimular.

Nasceria assim o programa que, justamente, entendeu baptizar-se de *Sala da Tecto Pintado*, com o fito de, em ritmo que se ambiciona regular, nele fazer desfilar (ou aí concentrar, como será agora o caso, o seu núcleo interpretativo) mostras de pequena escala, cujo ponto comum constitui o seu transversal alicerce em projectos de investigação: projectos desenvolvidos pela equipa

técnica do MNAA ou de comissariado externo, mas com o estudo e valorização do seu património directamente relacionados. Destes, o primeiro, que agora se apresenta, designado *Sobre o trilho da cor. Para uma rota dos pigmentos*, é comissariado por Teresa Pacheco Pereira, responsável pela colecção de têxteis do Museu, sobre a qual detém experiência e saber unanimemente reconhecidos, em articulação com o Centro de História de Além-Mar e o Departamento de Conservação e Restauro da Universidade Nova de Lisboa, contando com o apoio inestimável de Jessica Hallett e Micaela Sousa. E ocorre em feliz circunstancial articulação com a realização em Lisboa, em Novembro de 2010, da conferência internacional *Dyes in History and Archaeology Meeting*, de que são parceiros a Universidade Nova de Lisboa (pela dupla via atrás referida), a Universidade de Évora (Centro Hércules), o Instituto dos Museus e da Conservação, o Museu dos Lanifícios e o MNAA.

Todavia, para que fosse possível materializar este desígnio, foi necessário poder contar com o apoio indefectível do Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga (GAMNAA). Somente o seu apoio, com efeito — numa história de fidelidade à sua missão central que quase dobra a própria história do MNAA —, possibilitaria a projecção e montagem do programa expositivo com a dignidade que o primeiro museu de Portugal exige, viabilizando igualmente a ambição de vencer as barreiras necessariamente efémeras de uma exposição temporária com a publicação de uma brochura que condensasse o essencial do discurso museográfico construído e da investigação científica em que se sustenta. A ponto de cumprir um século (como o próprio Museu, nas suas actuais designação e vocação), o GAMNAA demonstra, por esta via, a sua solidária aposta no futuro.

Lisboa, Setembro de 2010

ANTÓNIO FILIPE PIMENTEL

FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO

COMISSARIADO

Teresa Pacheco Pereira

COLABORAÇÃO

Jessica Hallett

Micaela Sousa

Teresa Alarcão

APOIO

Graça Abreu

Maria da Graça Lima

MONTAGEM

Museu Nacional de Arte Antiga

DESIGN DE COMUNICAÇÃO

FBA. / Ana Sabino

CATÁLOGO

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana de Castro Henriques

APOIO

Ana Filipa Sousa

TEXTOS

António Filipe Pimentel

Jessica Hallett

Micaela Sousa

Teresa Pacheco Pereira

FOTOGRAFIA

IMC-DDF:

José Pessoa – Cat. I, III-V, 1, 2, 4, 5,
7-9, 14-16, 18-21, 24, 25

Francisco Matias – Cat. 10, 11

Carlos Monteiro – Cat. 12

Luís Pavão – Cat. 13, 18, 22, 23

IMC-LCRJF:

Luís Piorro – Cat. II

MNAA:

Ramiro Gonçalves – 3, 6, 17

DESIGN

FBA. / Ana Sabino

ISBN

978-972-776-412-9

DEPÓSITO LEGAL

316880/10

TIRAGEM

500 exemplares

